

Armínio alerta para perigo da dívida pública

Ex-presidente do BC diz que 'não se pode brincar' com uma dívida que está em 57% do PIB

ALESSANDRA SARAIVA
e ALBERTO KOMATSU

RIO – Em sua primeira crítica pública à política econômica desde que deixou o governo, depois do período de transição no início da gestão Luiz Inácio Lula da Silva, o ex-presidente do Banco Central (BC) Armínio Fraga considerou frágil a posição do Brasil na relação entre dívida pública e PIB. Durante o seminário sobre retomada do crescimento, promovido pela Firjan, Fraga disse que mesmo com as reformas da Previdência feitas pelo governo, o cenário das despesas públicas nesse setor é o mais preocupante.

“Isso é uma fragilidade (do País). Temos que ter consciência disso, não dá para brincar com isso”, afirmou, referindo-se ao nível de 57% da relação dívida/PIB (em dezembro de 2002, no final do governo FHC, essa relação era de 55,5%). A alta carga tributária do País também foi criticada pelo economista, hoje sócio da Gávea Investimentos, junto com os também ex-diretores do BC Luiz Fernando Figueiredo e Ilan Goldfajn. “Este é um dos fatores que tornam nosso grau de informalidade (no campo do emprego) tão elevado.”

Para ele, a carga tributária precisa ser mais bem distribuída. Fraga cobrou do governo a busca por reformas com soluções mais definitivas para a questão. “Se o atual governo se empenhar e construir um projeto corajoso nesta área, há uma boa chance de sucesso.” E ressaltou que a questão fiscal é a mais urgente. “É crucial estancar o crescimento do déficit da Previdência e dos gastos públicos.”

Fraga afirmou ainda que as empresas que fazem a classificação de risco atuam “de forma bastante mecânica”. Ele explicou que, na sua avaliação, normalmente as agências mudam suas classificações de acordo com uma tendência existente. Dificilmente lideram movimen-

tos contra ou a favor da imagem do País. “As agências simplesmente vão a reboque do movimento que já existe.”

Ele considerou, no entanto, que essas agências fazem parte do jogo e não de-

**‘GOVERNO
QUEBROU E
NÃO PODE
MAIS INVESTIR’**

vem ser encaradas como um problema para o Brasil. O País só atrairá mais investimentos, na visão do ex-presidente do BC, se a União trabalhar para a construção de marcos regulatórios mais claros, especialmente nos setores de energia elétrica, petróleo, saneamento e infraestrutura. “Falando francamente, o governo quebrou e não tem mais condição de investir.” O mais inteligente é o governo tornar o cenário mais favorável para o investimento privado, disse.